

MORFOLOGIA – UMA ENTREVISTA COM MARGARIDA BASÍLIO

Margarida Maria de Paula Basílio

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

ReVEL – Qual é o objeto de estudo da Morfologia?

M. Basílio – Tradicionalmente se define a Morfologia como a parte da gramática que estuda a palavra do ponto de vista da forma. Entretanto, é necessário especificar os termos centrais *palavra* e *forma*, ambos altamente indeterminados, além de comuns à linguagem técnica e à linguagem cotidiana e cambiantes, em diferentes visões do fenômeno lingüístico. Se considerarmos, por exemplo, a gramática clássica, a morfologia se concentra na flexão; o objeto de estudo seria o paradigma ou esquema de variações de forma da palavra na expressão de categorias gramaticais. No século XIX, a palavra deixa de ser a unidade mínima de análise lingüística; a comparação de elementos gramaticais como suporte a hipóteses de relação genética entre línguas favorece a adoção de um modelo de descrição que reconhece formativos como raiz e desinência. O estruturalismo herda esta situação de desmembramento da palavra, sendo, portanto, natural o estabelecimento do morfema como unidade básica da morfologia. O objeto de estudo da morfologia no estruturalismo é, portanto, o morfema, e seus padrões de combinação, no modelo IA. Em conseqüência, a palavra passa a ser menos relevante, ou mesmo questionável como unidade estrutural, ainda que Bloomfield proponha uma definição de palavra de crucial relevância na metodologia de análise descritiva. Saussure problematiza o escopo da Morfologia de um outro ângulo, ao condenar a não inclusão da lexicologia no âmbito da gramática, juntamente com a morfologia flexional; por outro lado,

considerando como do âmbito da morfologia a determinação de classes de palavras e formas de flexão, duvida que esta possa constituir uma disciplina distinta da sintaxe. Saussure explicita, ainda, os aspectos concretos e abstratos da palavra, e ressalta as dificuldades de delimitação.

Uma maior reviravolta no tema surge no gerativismo: nada mais radical do que a total eliminação da morfologia e, portanto, do seu objeto de estudo enquanto tal, nos primeiros momentos do gerativismo. Mas, mesmo quando instaurada a possibilidade de um componente morfológico na versão original da Hipótese Lexicalista, ainda assim o objeto de estudo da morfologia na Teoria Gerativa apresentará uma diferença fundamental em relação a abordagens anteriores, na medida em que este objeto se desloca da forma externa para o conhecimento interno, correspondente à capacidade de identificação de formas lexicais estruturalmente legítimas. O objeto de estudo da Morfologia no gerativismo não é a forma concreta das palavras, mas a representação do conhecimento lexical, através de regras que, numa primeira fase, representam relações lexicais e, posteriormente, determinam objetos morfológicos. Mais recentemente, no enfoque da Morfologia Distribuída, a morfologia volta a ser dominada pela sintaxe. O morfema pode ser considerado novamente a unidade básica, mas a relevância maior é atribuída ao feixe de traços formais nos quais a inserção de traços fonológicos pode ser tardia. Assim, temos um retorno à situação do estruturalismo e das primeiras fases do gerativismo, em que a palavra se torna questionável como unidade básica da morfologia.

Talvez possamos dizer, então, que o objeto de estudo da morfologia tem oscilado entre duas possibilidades:

(1) a palavra: na gramática clássica, e, portanto, na tradição gramatical, a morfologia estuda a palavra e seu paradigma de variações de forma, na expressão de categorias flexionais; no gerativismo lexicalista, o objeto da morfologia é a palavra enquanto item lexical estruturado por padrões ou produto de regras de formação de objetos morfológicos.

(2) os elementos constituintes da palavra: no método comparativo, estes constituintes (raízes, desinências) são concretos; no estruturalismo, estes elementos (os morfemas) são sobretudo concretos, mas também abstratos, como meios de expressão de propriedades gramaticais; na Morfologia Distribuída, os morfemas são fundamentalmente abstratos, consistindo sobretudo em feixes de traços formais.

ReVEL – A senhora tem tido uma participação importante nos estudos morfológicos do português do Brasil. Quais foram os primeiros trabalhos em Morfologia publicados no Brasil que se preocuparam com os dados do português?

M. Basílio – Esta é uma pergunta delicada, pois o risco de cometer injustiças é grande e alguns trabalhos podem ter uma divulgação de caráter mais regional. Assim, prefiro começar lamentando inevitáveis omissões.

As publicações específicas de Morfologia no Brasil são relativamente recentes. Claro, publicações de cunho geral que apresentam uma parte dedicada à morfologia são muitas e existem há muito tempo; o exemplo mais óbvio é o das gramáticas tradicionais. Na verdade, a primeira gramática da Língua Portuguesa, a *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, tem uma parte relativamente extensa dedicada à morfologia (há uma edição brasileira, publicada por Olmar Guterres da Silveira em 1954). Nas gramáticas mais recentes, talvez mereça um destaque especial a Gramática Histórica da Língua Portuguesa, de M. Said Ali (Melhoramentos, 3^a ed., 1964), que apresenta pontos de vista de extrema lucidez sobre diferentes aspectos da formação de palavras na Língua Portuguesa.

Passando a obras vinculadas a teorias lingüísticas mais recentes, o trabalho mais fundamental a ser citado, apesar de não ser dedicado apenas à Morfologia, é o livro *Estrutura da Língua Portuguesa*, de Mattoso Câmara Jr., publicado inicialmente em 1970 pela Editora Vozes, em que vários capítulos tratam de questões morfológicas e da Morfologia do Português. Este livro, juntamente

com outros do mesmo autor, como *Problemas de Lingüística Descritiva* (Vozes, 1969) e *Princípios de Lingüística Geral* (Acadêmica, 1954, 2ª ed.), que o antecedem, tem um valor intrínseco e um valor de irradiação. Em outras palavras, existe, por um lado, o valor das proposições descritivas inéditas e elegantes de Câmara Jr. para a estrutura do português. Por outro, a obra do Prof. Mattoso Câmara Jr. influenciou profundamente os estudiosos e publicações que se seguiram, assim como a formação de algumas gerações de lingüistas e professores de Língua Portuguesa.

Outras obras que focalizam a morfologia do português neste período incluem *A Estrutura do Verbo no Português Coloquial*, de Eunice Pontes, publicada pela Editora Vozes em 1972; e data de 1979, pela editora Presença, a primeira edição de *Princípios de Morfologia*, de Horácio Rolim de Freitas. Vemos, pois, um início de preocupações descritivas na Morfologia do Português, de inspiração essencialmente estruturalista.

Dentro da perspectiva gerativista, é provável que meu livro *Estruturas Lexicais do Português – uma abordagem gerativa*, editado pela Vozes em 1980, tenha sido o primeiro a focalizar a morfologia enquanto conhecimento lexical, com uma preocupação específica com a formação de palavras na Língua Portuguesa. Ainda na década de oitenta, em 1986, surge a primeira edição do livro *Morfologia Portuguesa*, de José Lemos Monteiro, que se inspira na obra de Mattoso Câmara para fazer um abrangente manual de Morfologia centrado nos dados do português. Em 1987, a Editora Ática publica *Teoria Lexical*, de minha autoria, no qual a relevância do fator semântico em construções lexicais começa a ser ressaltada; em 1989, temos a publicação de *Formação de Palavras no Português Contemporâneo*, de Antonio José Sandmann pela Editora Ícone, de Curitiba, que apresenta pela primeira vez num trabalho de morfologia do português um levantamento de dados coletados sistematicamente em jornais brasileiros.

Na década de noventa em diante há um significativo desenvolvimento da área de morfologia no país, ao qual corresponde uma crescente atividade editorial, seja em termos de novos volumes, seja em termos de reedições. Paralelamente,

publicações em periódicos e Anais de Congressos também crescem significativamente. Talvez mereçam destaque neste período os vários volumes editados no âmbito do Projeto Gramática do Português Falado contendo trabalhos do GT de Morfologia, em conexão com o enfoque inédito da morfologia num corpus de língua falada; e várias publicações de livros didáticos de Morfologia e Léxico, em que, em diferentes abordagens, dados e questões da Morfologia do português são apresentados e analisados.

ReVEL – Como a senhora vê os estudos morfológicos atualmente no Brasil? Quais são os principais estudos recentes voltados para o português?

M. Basílio – Vejo a Morfologia no Brasil como uma área em franca expansão, se tomarmos como ponto de comparação a situação de marginalidade em que esta disciplina sempre esteve, embora isto não signifique necessariamente um crescimento proporcional dentro dos estudos lingüísticos (por exemplo, no VI Congresso Internacional da ABRALIN, em Março de 2009, temos 15 trabalhos inscritos no GT de Morfologia, um número historicamente significativo para o tema, mas modesto, se comparado com as 33 inscrições em Sintaxe, 45 em Semântica, 57 em Fonética e Fonologia, 51 em Lingüística Aplicada, etc.). Sabemos que, no momento atual, estudos de Discurso, Texto, Semântica, Pragmática e Lingüística Aplicada, de modo geral, apresentam um apelo maior do que estudos gramaticais, dada a tradição da pesquisa lingüística em Departamentos de Letras. Por outro lado, há um desenvolvimento significativo de estudos do português no enfoque da Morfologia Distribuída, o que é interessante, dado que os estudos de flexão sempre foram minoritários em relação aos de derivação em abordagens gerativas de fenômenos morfológicos, em consequência da Hipótese Lexicalista, mas também pela forte influência das análises estruturalistas de Câmara Jr. na morfologia flexional do português. É especialmente bem-vindo o interesse crescente que se observa atualmente pelos dados derivacionais do português neste enfoque, pois o confronto de propostas certamente contribuirá para um aprofundamento do nosso conhecimento de estruturas morfológicas e lexicais da Língua Portuguesa.

A atual expansão dos estudos morfológicos a que me referi não corresponde diretamente a publicações, embora este aspecto também possa ser englobado. O que considero mais importante neste momento, entretanto, é a quantidade de projetos sobre morfologia do português sendo propostos e/ou executados, em diferentes abordagens, em diferentes instituições em todo o país. Não pretendo singularizar nenhum trabalho ou grupo, mas ressaltar alguns temas e enfoques. Por exemplo, acredito ser importante, além do desenvolvimento de estudos de Morfologia Distribuída, a tendência recente de se resgatarem construções que, embora mencionadas, nunca foram realmente levadas em conta em estudos morfológicos, tais como a siglagem e os cruzamentos vocabulares, dentre outros. Em outra perspectiva, a discussão maior sobre a questão da (não) delimitação de unidades lexicais continua produzindo trabalhos de relevância. Também considero bem-vinda a maior atenção que se tem dado à prefixação, já que trabalhos anteriores de vinculação gerativa se fixaram quase exclusivamente na sufixação, por causa da relevância gramatical da mudança de classe. É altamente positiva, ainda, a investigação de fenômenos morfológicos em análises que utilizam corpora considerados médios ou grandes, utilizando ferramentas computacionais. Finalmente, começam a despontar estudos morfológicos de cunho histórico. É de se ressaltar também, num outro ângulo, que, ao contrário das décadas de setenta e oitenta, em que surgiram livros fundamentais, o que é mais relevante agora é o volume de trabalhos mais recentes, sobretudo em artigos e teses, muitos dos quais facilmente acessíveis via Internet. Não há dúvida de que estamos vivendo uma fase interessante e promissora no que tange a estudos morfológicos.

ReVEL – Qual é a importância de trabalhos de interface em Morfologia, que levam em consideração também outras áreas da gramática, como a interface com a Sintaxe, com a Fonologia ou com a Semântica?

M. Basílio – A importância de trabalhos de interface é óbvia, não apenas em geral, mas especialmente no âmbito da Morfologia, já que a palavra, que

tradicionalmente determina o âmbito da morfologia, é naturalmente multifacetada, sendo, portanto, necessário enfocá-la em seus múltiplos aspectos e conexões. Para citar exemplos concretos, a distinção entre flexão e derivação, tradicionalmente complexa e controversa, é feita, dentre outros critérios, pela interface morfologia/sintaxe; fatores fonológicos e semânticos interferem na produtividade de processos de formação de palavras; o fator fonológico é essencial nos cruzamentos vocabulares; e assim por diante. Por outro lado, todas estas subdivisões são provisórias e apresentam limites imprecisos, o que deve ser levado em conta e investigado mais de perto. Por exemplo, a formação de palavras por composição apresenta um problema óbvio para a distinção estrutura vocabular/estrutura frasal; as locuções e expressões de diversos tipos desafiam as noções tradicionais de item lexical circunscritas à morfologia; e, como vimos na primeira pergunta da entrevista, diferentes abordagens estabelecem diferentes fronteiras e hierarquias, de modo que é praticamente impossível tratar da questão de modo teoricamente neutro.

Mas o que considero mais relevante em termos de trabalhos de interface, desviando um pouco a possível filiação teórica da pergunta, são os trabalhos que focalizam questões morfológicas em áreas como Psicolinguística e Estudos de Afasia, por um lado, e, por outro, os que exploram territórios de ainda mais difícil e controversa delimitação, como a Semântica e a Pragmática, para não mencionar a questão central da distinção ou não entre Morfologia e Sintaxe ou Morfologia e Léxico ou a conexão (ou não) entre semântica lexical e conhecimento enciclopédico nos processos de formação de palavras, dentre tantas outras áreas de difícil demarcação.

ReVEL – A senhora poderia sugerir alguns livros e textos sobre Morfologia, para que nossos leitores possam se iniciar ou mesmo se aprofundar no assunto?

M. Basílio – No pressuposto de que “nossos leitores” são alunos de pós-graduação em Linguística ou linguistas profissionais com outras especializações, eu indicaria a coletânea *Handbook of Morphology*, organizada por A. Spencer e

A. Zwicky (Blackwell, 1998), que apresenta excelentes artigos de vários especialistas sobre praticamente todos os aspectos da morfologia, incluindo diferentes interfaces. A abordagem gerativa é predominante, embora não exclusiva.

Para os interessados em morfologia estruturalista, recomendaria os vários artigos de morfologia na coletânea *Readings in Linguistics I*, organizada por Martin Joos (Univ. of Chicago Press, 1957), e, em especial, o artigo clássico de Bloomfield, “A Set of Postulates for the Science of Language”; e os dois livros clássicos de P. H. Matthews, *Inflectional Morphology* (CUP, 1972) e *Morphology* (CUP, 1974, 2^a ed. 1991).

Numa segunda etapa, sugiro duas coletâneas: *Handbook of Word Formation*, organizado por R. Lieber e P. Stekauer (Springer, 2005), que reúne especialistas de alto nível de diferentes perspectivas teóricas para apresentar uma visão bastante abrangente da área de formação de palavras; e *Morphology and its demarcations*, organizado por W. Dressler, D. Kastovsky, O. Pfeiffer e F. Rainer (John Benjamins, 2005), que focaliza demarcações externas e internas da Morfologia, também reunindo excelentes autores de diferentes convicções teóricas.

Embora estas indicações não sejam de livros didáticos, acredito que constituam um melhor caminho, na medida em que os leitores serão expostos a diferentes ângulos e visões das questões centrais de morfologia.